



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA HABILITAÇÃO
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSÉ FRANCISCO BEZERRA JÚNIOR

**JOGOS SÓCIO-ESPACIAIS EM CONTOS DE LIMA BARRETO E MARCELINO
FREIRE**

SOUSA-PB

2018



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras a Distância

CERTIDÃO

Certificamos para fins de direito que o Trabalho de Conclusão do Curso Superior de Licenciatura em Letras a Distância intitulado “**JOGOS SÓCIO-ESPACIAIS EM CONTOS DE LIMA BARRETO E MARCELINO FREIRE**”, de autoria de **JOSÉ FRANCISCO BEZERRA JÚNIOR**, foi apresentado perante a Banca Examinadora constituída pelos professores listados abaixo.

Risonelha de Sousa Lins

1. Prof^a. Msc. Risonelha de Sousa Lins
(Orientadora)

Maria de Fátima Pereira Melo

2. Profa. Msc. Maria de Fátima Pereira
(Examinadora)

João Edson Rufino

3. Prof. Dr. João Edson Rufino
(Examinador)

João Pessoa, 19 de dezembro de 2018.

Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho
Coordenador CLaD

José Moacir S. da Costa Filho
Coordenador do Curso
Lic. em Letras a Distância - CLaD
IFPB - Campus João Pessoa

RESUMO

O presente trabalho tem com finalidade apresentar uma análise da posição periférica do negro presente em algumas narrativas curtas dos autores Lima Barreto e Marcelino Freire, especificamente em “O filho da Gabriela” e “O moleque”, do primeiro; e Contos Negreiros, do segundo. O estudo compreende uma leitura crítico-analítica do texto com base na relação entre as categorias espaço e personagem. Lima Barreto utilizava-se da realidade ao seu redor para produzir suas obras. Logo, questões como injustiça social, planejamento urbano (principalmente no Rio de Janeiro), violência contra a mulher e corrupção política são temas comuns que são abordados de forma profunda pelo autor. Por seu estilo de escrita, observa-se a presença marcante e contundente, em suas obras, de concepções de modernidade que incluem não só cidades ideais como também um estilo de vida marcado pelo fim da segregação racial, o qual foi alvo durante sua vida. Consideramos que, a partir de uma perspectiva do espaço, é possível compreender e, ao mesmo tempo, obter uma nova visão acerca de suas obras. Do outro lado, temos Marcelino Freire que, embora seja branco, trata das questões raciais de forma tão contundente e realista quanto Lima Barreto. Freire consegue expressar uma voz que não é sua, mas a alteridade presente em sua obra mostra o destino cruel que seus personagens negros não aceitam e que veemente lutam para transformá-lo. Ademais, este trabalho parte de algumas considerações sobre representação dos sujeitos periféricos na Literatura, a produção de Lima Barreto e Marcelino Freire, depois reflete sobre o espaço como categoria de análise e em seguida parte para a leitura crítica dos contos. Como pressupostos teóricos, utilizamos a Teoria pós-colonialista e as considerações sobre o espaço literário feitas por Borges Filho (2007) e Brandão (2001).

Palavras-chave: Literatura. Espaço. Negro.

ABSTRACT

The present work has the purpose of presenting an analysis of the peripheral position of the black present in some short narratives of the authors Lima Barreto and Marcelino Freire, specifically in "The son of Gabriela" and "The moleque" of the first and Tales Negreiros of the second. The study comprises a critical-analytical reading of the text based on the relationship between the space and character categories. Lima Barreto used the reality around him to produce his works. Therefore, issues such as social injustice, urban planning (mainly in Rio de Janeiro), violence against women and political corruption are common themes that are addressed in depth by the author. Through his style of writing, one can observe the striking presence and forcefulness of his conceptions of modernity, which include not only ideal cities but also a lifestyle marked by the end of racial segregation, which he has been targeting during his lifetime. We consider that, from a perspective of space, it is possible to understand and at the same time to obtain a new vision about his works. On the other hand, we have Marcelino Freire, who, although white, treats racial issues as bluntly and realistically as Lima Barreto. Freire can express a voice that is not his, but the alterity present in his work shows the cruel fate that his black characters do not accept and that vehemently struggle to transform it. In addition, this work is based on brief considerations on the representation of peripheral subjects in Literature, the production of Lima Barreto and Marcelino Freire, then reflects on space as a category of analysis and then part for the critical reading of stories. As theoretical assumptions, we use the postcolonialist theory and the considerations on literary space made by Borges Filho (2007) and Brandão (2001).

Keywords: Literature. Space. Black.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	01
2. O CARÁTER SOCIAL DA OBRA DE LIMA BARRETO	03
3. METODOLOGIA	05
4. O ESTUDO DO ESPAÇO NARRATIVO COMO CATEGORIA LITERÁRIA	05
5. A IDENTIDADE NEGRA E SUA REPRESENTAÇÃO NOS TEXTOS LITERÁRIOS	07
6. A VISÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE LIMA BARRETO E MARCELINO FREIRE	09
7. ANÁLISE DOS CONTOS “O FILHO DA GABRIELA” E “O MOLEQUE”	11
8. OS “CONTOS NEGREIROS”	15
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
10. REFERÊNCIAS	19

JOGOS SÓCIO-ESPACIAIS EM CONTOS DE LIMA BARRETO E MARCELINO FREIRE

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nascido no Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1881, Afonso Henriques de Lima Barreto é considerado um dos mais importantes escritores da literatura brasileira, não só por sua literatura envolvente mas também por ser um dos poucos escritores a combater a discriminação social do negro e do mulato. Afrodescendente e de origem humilde, Lima Barreto possuía bom nível cultural, ingressando na faculdade de engenharia graças a proteção do Visconde de Ouro Preto, algo impensável para indivíduos de sua classe social.

Porém, logo teve que deixar a faculdade para sustentar sua família. Essa vida conturbada influenciou a escrita do autor que, embora muito lembrando pelos problemas mentais e com o alcoolismo, deixou obras literárias dignas de leitura e encantamento.

Barreto é autor de dezenove livros, entre eles *Cemitério dos Vivos*, livro póstumo e inacabado, *Clara dos Anjos* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que ganhou adaptação para o cinema em 1998. Apesar das dificuldades, marcadas por discriminações e parca condições financeiras, sua trajetória foi inspirada por autores internacionais, como Balzac e Doistoiévski, além de outros autores brasileiros com os quais estabeleceu relações de amizade. Além dos dezenove livros, escreveu romances, contos e trabalhou na imprensa com crônicas e artigos, voltando-se, através de uma linguagem simples e despojada, para questões relacionadas à utilização do espaço urbano, ao papel da literatura na sociedade e à discriminação racial.

O autor sempre criticou o regime republicano, que, segundo sua visão, era um sistema de exclusão social, a que suas críticas eram direcionadas a uma certa identidade nacional, em que a compreensão do afro-brasileiro era deficiente e sua posição era sempre vigiada.

Durante o período de produção textual de Lima, a cidade do Rio de Janeiro passava por transformações urbanísticas, alterando tanto o espaço urbano quanto os hábitos da população. O autor, discordando das ações do governo federal e municipal, criticou a postura dos escritos e da sociedade que concordavam com tais alterações modernizadoras na cidade.

O professor e pesquisador Manoel Freire Rodrigues em seu trabalho, intitulado *A Retórica do Oprimido: sobre a idéia de Literatura Militante em Lima Barreto (2008)*, ressalta que a escrita barretiana não apenas revela situações em que os sujeitos sofrem os efeitos da exclusão e das ideologias sociais, mas também penetra no âmago das verdades humanas,

motivando o leitor tanto para o sentimento da solidariedade como também para a compreensão da vida em sociedade. Freire reforça, ainda, que o projeto criativo de Lima Barreto representa o:

testemunho do escritor e da sua época, na qual muitas vezes os elementos pessoais e as questões sociais se confundem, e o protesto do escritor militante contra a opressão e a injustiça sobre os desvalidos é ao mesmo tempo um grito de revolta contra a própria marginalização (p.9).

Com base nas palavras do pesquisador, portanto, a literatura em Lima Barreto realça a necessidade de olhar de modo crítico para a situação dos injustiçados e analisar as ideologias que os distanciam de uma condição mais igualitária e, conseqüentemente, mais humana. Assim, as temáticas abordadas pela obra de Lima Barreto estão situados dentro de uma abrangente consciência histórica de exclusão, levando o sujeito marginal a se posicionar através de um discurso de crítica social e política.

Prado (1989, p. 3), ao analisar a condição autobiográfica da obra de Lima Barreto, cita o fato de que, as suas obras constituem “um difícil testemunho: constatar como a vida, e nesta a opressão e o fracasso, se converte em literatura”. Exatamente por ter essa visão crítica dos problemas da realidade periférica do Rio de Janeiro, dando voz aos grupos marginalizados e silenciados, que Lima Barreto sofreria perseguições que atrapalhariam o reconhecimento da grandeza de suas obras.

Reconhecendo que esse escritor tinha uma maneira diferenciada de diagnosticar os problemas sociais em sua configuração estética, Osman Lins, em seu ensaio *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976) analisa a função do espaço na construção ficcional de Lima Barreto, salientando a movimentação dos sujeitos de menos favorecidos que apresentam “consciência da miséria, mas não consciência de classe” (LINS, p.). A obra interpreta as produções ficcionais de Lima Barreto dentro de um contexto de relações mais amplas.

Carlos José Bertolazzi (2008), em sua dissertação de mestrado, intitulada *Lima Barreto: Representações, Diálogos e Trajetórias Literário-Culturais*, afirma que Lima Barreto construiu um legado ficcional extraordinário, já que apresentou sentimentos e ideias próprias sem desvincular-se da função primordial da literatura que “era unir os homens e desmascarar os falsos valores e as instituições que exploravam as classes populares” (p.8).

Outro escritor, cuja produção ficcional analisa o comportamento dos pobres, moradores da periferia é Marcelino Freire, escritor contemporâneo que configura os diversos tipos de violência ocorridos no Brasil. Sua linguagem é bem próxima da oralidade e marcadamente irônica. O crítico literário Bruno Zeni (1975) enfatiza que a produção ficcional

de Marcelino Freire é estruturada como uma “conversa, com suas repetições e construções que infringem a norma culta”. Suas narrativas tentam dar voz aos sujeitos em situação periférica, considerando as suas vivências dentro das condições sociais que lhes são impostas.

Diante desse modo de configuração literária, tentamos considerar o que aproxima ou distancia esse escritor contemporâneo de Lima Barreto, autor considerado pré-modernista, como os narradores e personagens se posicionam diante dos problemas do espaço vivido, de que modo a linguagem expressa as inquietações frente à experiência humana e a realidade existente.

Esses dois escritores têm em comum a configuração do comportamento dos sujeitos periféricos num estilo de vida marcado pelo fim da segregação racial, mas afetado pelo preconceito enraizado na mentalidade do povo e, muitas vezes, pela subalternidade imposta ao indivíduo pobre, agravando-se quando este é negro.

Suas obras vêm ganhando relevância nos últimos anos, sendo cada vez mais discutidas e analisadas não só no ambiente acadêmico como também na sociedade. A volta de debates sobre o papel do negro na sociedade nos faz indagar sobre quando começou essa luta? Quem foram os pioneiros nesse processo? Quem ainda defende e instiga essas discussões? Dessa forma, nada mais justo e pertinente do que se debruçar sobre as criações de Lima Barreto e Marcelino Freire. Esses autores permitiram, por meio de suas obras, compreender uma época, atravessar um século e reavivar a importância da igualdade social, econômica e política.

Portanto, faz-se necessário apresentar algumas considerações sobre representação dos sujeitos periféricos na Literatura, a produção de Lima Barreto e Marcelino Freire, depois reflete sobre o espaço como categoria de análise na construção dos contos mencionados. Consideramos que, a partir de uma perspectiva do espaço, é possível compreender e, ao mesmo tempo, obter uma nova visão acerca das obras da influência barretiana, detalhadas ao longo do trabalho.

2. O CARÁTER SOCIAL DA OBRA DE LIMA BARRETO

Essa visão mais geral nos permite influir que as obras de Lima Barreto são uma viagem pela formação do Brasil, apresentando como eram divididas as classes sociais e como os valores e costumes arraigados ditavam aquilo que era dito como certo ou errado. Desse conjunto, destacam-se comportamentos submissos à elite, e está submissa aos estrangeiros, considerada raça superior.

Machado (2002) afirma que esse escritor carioca foi alvo de uma “tripla marginalidade - pobre, preto e suburbano” (p. 208), o que nos leva a pensa-lo como uma voz legítima em sua obra, além de uma configuração da realidade social de uma época, representam o desnudamento das estruturas de poder, responsáveis pela manutenção dos sistemas de classes sociais em torno das quais os valores e costumes arraigavam-se e ditavam aquilo que era visto como certo ou errado. Dentro desse conjunto, destacam-se o comportamento submisso à elite, aos estrangeiros e aos brancos, postos em condição superior.

Adentrar nesse contexto nos levar a se perguntar a que ponto suas obras têm o caráter autobiográfico, e de que forma suas visões e sentimentos se relacionam com a visão do homem e da sociedade. Assim, mesmo que de forma indireta, suas obras, expressões de seus sentimentos e visões, podem ter afetado na criação de suas ficções.

Nesse sentido, percebe-se marcas irregulares do autor em produzir ficções, que podem ser encontradas em certos contos e em Policarpo Quaresma. Mesmos nessas obras, observa-se traços sentimentais, de discórdia e testemunho. Por isso, Lima Barreto se sobressaiu na imprensa, já que seus artigos e periódicos condiziam com sua intenção jornalística, de crítica principalmente. PRADO (1976, p.527) considera que “o fluxo narrativo cedia lugar ao tom improvisado que misturava reportagem e testemunho, aproximando-se da reprodução quase instantânea que se multiplicava ao ritmo das coisas em movimento”.

Exatamente por ter essa visão crítica dos problemas e da realidade da nação, Lima Barreto sofreria perseguições que dificultavam a difusão de suas obras, visto que permitiam o questionamento de vários aspectos e defeitos sociais da época. Suas obras e ideias, nelas presentes, traziam voz, antes inconcebíveis, aos grupos marginalizados, que tão logo eram silenciados pois confrontavam a ordem vigente.

No entanto, tal disposição em criticar aquilo que poucos tiveram coragem, Lima Barreto inovou e deixou um legado de obras singulares que cumpriam seu papel, como afirma Carlos Bertolazzi (2008, p.8), que Barreto é:

um dos autores mais independentes da ficção brasileira, partilhando da ideia de que a literatura deveria expressar diretamente os sentimentos e ideias do escritor, sem perder, contudo, a sua função primordial como literatura, que era unir os homens e desmascarar os falsos valores e as instituições que exploravam as classes populares.

Lima Barreto deixou como fonte de pesquisa de sua vida o Diário íntimo, que é de suma importância para compreender sua vida e suas obras, permitindo adentrar nos aspectos literários, intelectuais e ideológicos do autor. Nesse sentido, sua literatura funde-se com sua capacidade de pensar o ambiente no qual está inserido, resultando em pensamentos e

sentimentos que expressam suas angústias de cidadão marginalizado. Antonio Prado (1976) nos revela em seus estudos sobre Lima Barreto que, além de suas críticas sociais em suas obras, Barreto, em seu diário, revela confissões pessoais não presentes enquanto autor e tece críticas à literatura oficial.

3. METODOLOGIA

Este trabalho é de caráter qualitativo e se baseia em uma análise interpretativa, em que são apresentadas considerações sobre o texto literário. Ela tem como *corpus* de análise os contos O Moleque e o Filho da Gabriela, de Lima Barreto e Contos Negreiro, de Marcelino Freire. Trata-se, portanto de um trabalho de crítica literária que toma como categorias norteadoras de análise o espaço literário e a personagem.

Partindo da representação espacial presente nos contos, analisamos a posição periférica do negro e os jogos sociais de classe. Durante a análise, nos reportamos a cada espaço no sentido das influências recíprocas e do caráter situado das ações e dos sentimentos do sujeito representado.

Nesse sentido, o espaço o qual é moldado suas obras destaca-se dos demais elementos, como o tempo, por exemplo. Por isso, para analisar as obras sob o ponto de vista pertinente ao trabalho, faz-se necessário destacar a relevância do ambiente, principalmente de Lima Barreto, em que seus personagens estão inseridos.

4. O ESTUDO DO ESPAÇO NARRATIVO COMO CATEGORIA LITERÁRIA

Para que haja a efetiva compreensão da importância social sobre determinada literatura, seja ela imaginativa ou não, é preciso ter em mente alguns conceitos relacionados com sua origem e construção. Dentre estes, o espaço na obra literária, também chamado de topo análise, merece atenção devido às várias interpretações que, na maioria das vezes equivocadas, admite. Entretanto, por esse campo, não se deve estar preso a definições e termos, mas principalmente aquilo que representa para a literatura.

Embora pareça o contrário, a maior preocupação não está no tempo, mas sim no espaço. Dentre os mestres do espaço, não há como não citar Tolstói, o mestre russo que criou Ana Karenina e Guerra e Paz (considerado por muito a obra prima da literatura ocidental). Forster (2005, p.65) destaca a importância do espaço e engradece o autor russo em que “muitos romancistas têm o sentimento de lugar. Muito poucos têm o senso de espaço, e a posse dele ocupa uma posição de destaque no divino equipamento de Tolstói. O espaço é o senhor de Guerra e Paz, e não o tempo.” A partir disso, percebe a importância exercida pelo espaço nessa obra, que utilizou como plano de fundo a invasão napoleônica na Rússia, traçado a vida de várias famílias presentes à época.

Conquanto cientes da importância do espaço na produção literária, percebe-se que, em comparação com o tempo, o espaço é pouco explorado. Porém, com o passar do tempo, esse interesse foi mudando: a busca pelo espaço ideal. Tal falta, segundo Filho (2007, p.12) ocorreu devido à “desvalorização do tempo dentro da narrativa contemporânea”. Ou seja, se antes, as narrativas tinham como objetivo apresentar a história dos personagens, seu cotidiano e vivências, agora o foco está no espaço no qual se insere o personagem. Diante disso, o trabalho se apresenta para investigar o espaço na literatura barretiana, o qual está tão evidente nos textos de Barreto.

O estudo do espaço permite aferir informações que ora passariam despercebidas caso não se levassem em conta o espaço. Característica da interdisciplinaridade, Filho (2007, p.13) destaca que cumpre ao topo analista “a pesquisa da questão espacial também na geografia, na filosofia, na história, na arquitetura, etc.” Portanto, visualizar a literatura de Lima Barreto sob a perspectiva do espaço é imprescindível para a compreensão de seus textos, visto que, em essência, são obras voltadas para a crítica e para o espaço geográfico, a cultura e a economia da época.

Embora o espaço possua várias definições em diferentes disciplinas, como na geografia e arquitetura, na literatura, esse conceito sofreu adaptações que se amoldaram a seus objetivos. Nesse processo, surgiram inúmeras teorias que abordassem os espaços nos textos literários. Filho (2005, p.15, apud Abbagnano, 1998) apresenta três tipos de abordagens:

- a) Sobre a natureza do espaço;
- b) Sobre a realidade do espaço;
- c) Sobre a estrutura métrica do espaço.

O autor ressalta que este último (métrica do espaço) é utilizada pela geometria, portanto tem menos importância para o estudo da literatura, foco deste trabalho. Numa definição mais

genérica, mas não menos importante, Brandão (2001, p. 67) define espaço como “conjunto de indicações – concretas ou abstratas – que constitui um sistema variável de relações.” A partir disso, podemos construir um espaço por meio de personagens ou lugares fictícios, desde que haja relações entre seus elementos, como condição essencial para a existência de um espaço. Cabe ressaltar a tendência do leitor em criar um espaço físico baseado na sua vivência e conhecimento de mundo, por isso é mais fácil pensar em espaços concretos, que possui formas definidas. Nesse sentido, Brandão (2001, p. 68) chama essa tendência de “primazia dos espaços concretos sobre outros tipos de espaço”, sendo estes últimos denominados de “subjetivos, imaginários, ficcionais e abstratos”. Dessa forma, ainda que seja praticamente impossível dissociar o espaço físico daquele relacionado à narrativa, o leitor deve estabelecer um limite entre o espaço preconcebido (aquele baseado em suas experiências) e aquele que é apresentado pelo autor.

Para que não haja distorções com relação ao espaço, o leitor deve conhecer que tipo de literatura está lendo, pois há caso em que a narrativa busca, exatamente, retratar a realidade. É o caso do Realismo que, pode ser visto em várias épocas, contudo, sua difusão se deu principalmente na segunda metade do século XIX. Para além do Realismo, temos a literatura que se utiliza da realidade, mas sua intenção vai além da literalidade, pois busca levar reflexão e trazer novas dimensões. Visto a importância e destaque do espaço na literatura, também há que se considerar como se organizava a sociedade e sua relação com as classes consideradas inferiores, ou seja, qual a relação entre pobres e negros nessa sociedade.

5. A IDENTIDADE NEGRA E SUA REPRESENTAÇÃO NOS TEXTOS LITERÁRIOS

É de se estranhar que o Brasil, país formado por afrodescendentes, tenha demorado para apresentar uma literatura que relatasse todas as fases vividas principalmente na colônia, época mais acentuada da escravidão e que, por muitas décadas, ficaram resumidas em relatos superficiais que não condiziam com a realidade. A literatura, antes de 1850 – época da abolição do tráfico de escravos –, que retratasse o negro praticamente era inexistente. É de chamar a atenção o desinteresse por essa figura tão importante, que realizava muitas atividades importantes para a sociedade da época. A exclusão e o desinteresse pelo negro ganham a forma contundente de racismo. Sendo assim, merece destacar as possíveis causas elencadas por Castilho (2007, p.103) da omissão dos escritores perante os negros, que não sua visão:

Esse silenciamento pode ser explicado, por um lado, sob a ótica de que o escritor brasileiro não considerava o escravo como ser humano e por outro, é possível que a maior parte dos escritores tenha surgido em função dos senhores de escravos, ou dependeu do amparo das instituições escravocratas. Ou seja, estava do lado dos opressores e não poderia dar atenção aos oprimidos.

Assim, a literatura sobre a vida do negro em seus diversos aspectos resume-se a relatos esparsos que não evidenciam a voz desse povo como autor de sua própria história, mas como um elemento essencial e secundário para uma economia escravocrata.

Dentre alguns fatores que aniquilaram essa literatura, merece destaque Duarte (2013, p.146) que:

A postura elitista que desqualifica gêneros literários tidos como “menores”, a exemplo da crônica e do memorialismo, bem como os textos marcados por posicionamentos mais incisivos quanto a desigualdades sociais, em especial no tocante às questões de raça e etnicidade.

Ou seja, nesse período, havia gêneros literários que foram relegados pela crítica literária. Nesse mesmo viés, obras que abordavam o distanciamento entre classes e a miséria social eram descartadas não por qualidade literária – tão boa quanto às demais - mas pelo seu conteúdo em si, que apresentavam novos questionamentos e quebra de velhos paradigmas sobre o racismo.

Em rápida consideração, temos que surgem os primeiros autores que retratam a vida do negro não diretamente, mas de certa forma criticando a postura dos brancos diante dos fatos. A exemplo disso, destaca-se Machado de Assis que, apesar de grande conhecedor da maioria do público leitor ser branco, tinha grande identidade com o negro. Mais adiante, temos Lima Barreto, que surge numa perspectiva interna do negro, apresentando sentimentos e emoções antes nunca apresentadas, trazendo, de certa forma, uma literatura sem precedentes. Destacam-se Recordações de Isaias Caminha (1909) e Clara dos Anjos (1948), em que seus personagens vivem na pele todo o sofrimento que lhes é imposta em virtude da sua negritude.

Esse processo iniciou-se entre 1836 e 1881 (período denominado como romântico), em que a literatura se volta para a construção de uma identidade nacional, incutidos de um sentimento nacionalista, de independência e liberdade. Nesse contexto, o índio aparece como centro da produção literária, entretanto, não totalmente distante, temos os primeiros indícios do negro na literatura. José de Alencar lança em 1872 o romance Til, para o qual nos apresenta um negro de natureza indígena. Seguindo o movimento abolicionista, a obra Escrava Isaura (1875), de Bernardo Guimarães, a personagem, embora seja descrita como

uma mulata, o autor a apresenta com costumes de brancos, o que evidencia a dificuldade dos autores da época em concordar com a igual entre negros e brancos.

Essa aceitação lenta e progressiva perdurou até os anos de 1930 e 1940, ganhando força efetiva a partir de 1950, quando surgiram novos grupos de escritores, como Solano Trindade (1908-1974) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977), que eram negros ou descendentes de negros, no qual se percebia a preocupação na afirmação de uma cultura negra na sociedade brasileira.

6. VISÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE LIMA BARRETO E MARCELINO FREIRE

Primeiramente, há que se destacar que é inviável ao leitor tentar entender as obras de Lima Barreto sem ter uma noção mínima da relação entre suas obras e sua vida, visto que seus trabalhos apresentam traços autobiográficos. A presença de fatos que caracterizaram ou tiveram relação com sua vida nem sempre causou o efeito esperado para o autor, sendo alvo de duras críticas, na maioria das vezes.

Numa dessas críticas, Holanda (1978, p.132) afirma que sua obra é “em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte”. Assim, a presença de situações relacionadas à sua realidade soa mais como um desabafo (denúncia) do que uma narrativa. Visto por esse lado, Francisco de Assis Barbosa, em seu livro fundamental sobre Barreto, intitulado “A vida de Lima Barreto” (1988), mostra que sua relação familiar e suas experiências foram decisivas para a origem de suas obras.

Parte de suas obras podem ser explicadas por meio da ideia de Freire (2004, p.87) que:

o fato de Lima Barreto muitas vezes encarar a literatura menos como arte e mais como exercício de análise da sociedade e estudo da condição humana deve-se, sobretudo, a sua deliberada opção por uma literatura militante, na qual pudesse tratar com “absoluta sinceridade” os problemas que afligiam a sociedade de seu tempo, os quais o afetavam diretamente.

Assim, percebe-se que o autor produz, mesmo que de forma não intencional, obras que se fundem em problemas pessoais e sociais, traduzidos em dimensões biográficas e ideológicas da literatura. Tecendo uma crítica mais profunda, Candido (1989, p.39) afirma que Lima Barreto, “ao canalizar a própria vida para os textos, deixou de ver a literatura como arte, encarando-a mais como documento e confissão pessoal”. Pensar dessa forma acaba por

desconfigurar as obras do autor, resumindo-a a uma “confissão pessoal”, e deixando de lado outros pontos essenciais de sua obra.

Apesar dos inúmeros pontos divergentes acerca da obra de Lima Barreto, há um documento essencial para se entender o ponto de vista do autor em suas várias dimensões - literária, ideológica e biográfica: seus escritos que ficaram conhecido como Diário íntimo. Nele, há relato de sua vida, origem, pensamentos e ideias e, principalmente, suas pretensões. Em uma de suas passagens, Barreto registra que “escreverei a história da escravidão negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade”. De certo que o autor jamais conseguiu escrever a história da escravidão no Brasil, contudo, o espírito determinado a entender a realidade da época nunca deixou de estar presente em suas produções, uma vez que o cotidiano, o costume e a sociedade sempre estavam presentes em suas obras.

Esse caráter prático com o qual Barreto trata das questões mais essenciais da relação humana, fica evidente em “O destino da literatura”, escrito em 1921, no qual sua visão sobre a literatura consiste “na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do nosso destino em face do Infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda às questões de nossa conduta na vida”. (BARRETO, 1956, p.39)

Assim como outros estudiosos, Freire (1989) também considerava Lima Barreto como um autor militante. Situação evidente devido ao fato de que o autor se utilizava de sua condição de escritor para apresentar as mazelas da sociedade, porque via nela os graves problemas presentes na sociedade brasileira. Essa concepção literária acabou por se estender por toda sua carreira, tornando-se característica essencial em suas obras. Aquilo que outros autores e críticos viam como pontos negativos de sua literatura, Lima Barreto enxergava como os meios utilizados para se alcançar seus fins: expor os problemas sociais, especialmente da classe negra. Esse problema tem nome: racismo!

Embutido em seus trabalhos, dentre as diversas obras que discorrem sobre os pontos negativos da sociedade, inclui-se o desejo da população carioca (e também a brasileira) pelo título de doutor. Dessa forma, a “titularização” não só era bem vista como também objeto de obsessão de várias pessoas, visto que o título de doutor, mesmo para aqueles cujo conhecimento era limitado, trazia uma superioridade e um prestígio social. Em contrapartida a essa população, observa-se em suas obras pessoas negras, pobres, marginalizadas, mulatos, ou seja, todos aqueles que foram, de certa forma, excluídos da sociedade.

Não há como adentrar na discussão sobre segregação racial sem citar Marcelino Freire. Autor contemporâneo, nascido em Pernambuco, escreveu em 2005 uma coletânea de contos que ficou conhecida como Contos Negreiros, vencendo o prêmio Jabuti de 2006 na

respectiva categoria – contos. Apesar de possuir um estilo autêntico relativo ao projeto estético dos contos, merece destaque os diversos pontos de vista com os quais o leitor se depara diante dessa obra. Trabalho escravo, prostituição, marginalização, criminalidade, dentre outros, são temas profundamente abordados em Contos Negreiros, os quais serão detalhados mais à frente.

7. ANÁLISE DOS CONTOS “O FILHO DA GABRIELA” E “O MOLEQUE”

Para uma apresentação prática dos conceitos e ideias anteriormente apresentados, utilizamos como material de análise os contos “O filho da Gabriela” e “O moleque”, de Lima Barreto. Nessas obras, é possível extrair a essência e as peculiaridades de suas obras, de maneira a apresentar quais os objetivos do autor e como se deu a elaboração de suas obras, partindo de uma análise do espaço e dos personagens nos quais estão inseridos em suas narrativas.

No conto “O filho da Gabriela” somos apresentados a uma personagem que é subjugada pela sociedade, em que se percebe uma clara distinção de tratamento entre a mulher branca e a negra. A primeira recebe uma educação de qualidade, voltada para os bons modos da época e, principalmente, para convivência no espaço público. Todavia, tal prestígio estava restrito às mulheres brancas, sendo que, no conto O filho da Gabriela, a personagem que nos é apresentada, representa o outro lado dessa faceta. Gabriela, exemplificação dessa mulher, assume sozinha a responsabilidade de casa como também o sustento de seu filho. Para isso, se submete a todo tipo de trabalho, inclusive a prostituição. Tal situação é retratada em:

[1]

Durante um mês, Gabriela andou de bairro em bairro, à procura de aluguel. Pedia que lessem-lhe anúncios, corria, seguindo as indicações a casa de gente de toda a espécie. Procurava outras casas; mas nesta já estavam servidas, naquela o salário era pequeno e naquela outra queriam que dormisse em casa e não trouxesse o filho.

Neste caso, o espaço afeta a personagem negativamente, trazendo-lhe situações de angústia e sofrimento. Filho (2007, p.158) observa que “a ligação entre espaço e personagem pode ser de tal maneira ruim que a personagem sente mesmo asco pelo espaço. É um espaço maléfico, negativo, disfórico”. Cumpre salientar que não é um simples fato isolado ou objeto que transforma o ambiente dessa forma, mas um conjunto integrado que o representa, como o era a sociedade da época de Lima Barreto.

Diferentemente de “O moleque”, Barreto não define um lugar específico para este conto, ou seja, não há uma descrição minuciosa do local onde se passa seus acontecimentos, assim como acontece com Inhaúma. Mesmo a ausência dessas descrições, alguns fatos permitem inferir que “O filho da Gabriela” também está situado nos subúrbios, pois há rápidas menções ao local, à viagem de bonde etc. Seu foco principalmente está na relação entre as mulheres, a dona de casa e sua cozinheira, Gabriela. Referindo-se a Lima Barreto, Antonio Candido se refere a literatura barretiano como:

um elemento pessoal que não se perde no personalismo, mas é canalizado para uma representação destemida e não-conformista da sociedade em que viveu. Espelho contra espelho é uma das atitudes básicas desse rebelado que fez da sua mágoa uma investida, não um isolamento. (CANDIDO, 1989, p.50)

Lima Barreto tinha como característica principal a construção de personagens que representassem de forma crítica situações e condições sociais da época. E, para atingir seus objetivos de criar uma literatura vívida que levasse à transformação do seu meio- era imprescindível que seus personagens transmitissem ao leitor um sentimento de realidade e imersão profunda. No conto “O filho da Gabriela”, o autor utilizou-se principalmente desse artifício de realidade para criar uma ambientação que retratasse e, ao mesmo tempo, levasse à reflexão acerca da submissão, da desigualdade social e do domínio que uma classe impunha à outra.

Diferentemente de outros contos, O Filho da Gabriela é marcado por uma linguagem simples e não há indicação do momento nem do local em que se passa a narrativa. Analisando a figura e características de Horácio, filho de Gabriela, percebe-se sua semelhança com Barreto, que também perdeu sua mãe precocemente. Apesar da maior parte do conto Horácio viver acobardado e triste, há momentos que ele não suporta as angústias de sua vida e mostra desequilíbrio e insatisfação:

[2]

Certa manhã, ao entrar na sala de jantar, deu com o padrinho a ler os jornais, segundo o seu hábito querido.

- Horácio, você passe na casa do Guedes e traga-me a roupa que mandei consertar. -
Mande outra pessoa buscar.

- O quê?

- Não trago.

- Ingrato! Era de esperar...

E o menino ficou admirado de si mesmo, daquela saída de sua habitual timidez

Já no conto “O moleque”, apesar de ser uma narrativa relativamente breve, verifica-se uma busca incessantes do autor em manter durante esse curto espaço de tempo uma história que prenda o leitor aos seus acontecimentos. Destaca-se não só essa característica como

também um texto permeado de ideias e considerações do autor, de maneira que seus comentários interferem na assimilação dos efeitos do conto pelo leitor.

Assim como a maioria de suas obras, os quais tomam como exemplo o Rio de Janeiro, Barreto defende a utilização de nomes tupis para designar fatos e fenômenos da natureza como cor de pedras, da água e outros aspectos relacionados à vegetação. O autor busca em tal fato discorrer sobre a facilidade como os nomes criados pelos índios desaparecem tão facilmente diante de monumentos e construções da cidade do Rio de Janeiro. Os acontecimentos do conto ocorrem em uma comunidade chamada Inhaúma – que significa argila ou água escura. A preocupação de Lima Barreto (2010, p.143) com os nomes antigos se verifica em: “Inhaúma é ainda dos poucos lugares da cidade que conserva o seu primitivo nome caboclo, zombando dos esforços dos nossos edis para apagá-lo”.

Além disso, Inhaúma nos é apresentado como um lugar de refúgio, um local onde as pessoas podiam professar sua fé sem temor de reprimendas. Esse lugar, que permitia aos homens praticar sua fé e demais costumes africanos de forma livre e aberta, pode ser mensurado em:

Fogem para lá, sobretudo para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus tranSES, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria. (BARRETO, 2010, p.143).

O personagem principal é José, filho de D. Felismina, negra que ganha a vida lavando roupas. Nesse cenário de dificuldades e opressões é que se inicia o conto propriamente dito. Para uma melhor apresentação, faz-se necessário destacar alguns fatos de destaque que envolvem nosso personagem José. Embora fosse contrário à vida urbana, José sempre fazia compras para sua mãe e entregava as roupas lavadas aos clientes. Nesse contexto, surge o Coronel Castor que, certo dia, abordou José no momento que este estava chorando. Não queria que o Coronel soubesse o motivo de seu choro. Em troca da revelação do motivo, o Coronel Castor ofereceu-lhe uma fantasia. A fantasia seria usada para amedrontar os meninos que o tinham ofendido com injúrias raciais. Chegando em casa com a fantasia, sua mãe ficou muito aflita, pois sabia que José não tinha dinheiro para comprá-la. Esse é o ponto central do conto, situação de maior tensão.

O conto possui características que estão presentes na maioria de suas obras: a falta de profundidade e detalhamento dos personagens. Isso resulta no fato de que:

são muitos os momentos em que o narrador insere comentários diversos, introduzindo assuntos diferentes sem, na maioria das vezes, desenvolvê-los. Além disso, muitas das personagens surgem sem que se saiba realmente qual o seu papel, sem que se lhes atribua uma função que não a de constituírem pretexto para as discussões paralelas que permeiam a narrativa. (Schincariol, p.80, 2005)

Com relação ao espaço, Osman Lins publicou importante obra em 1976 intitulada Lima Barreto e o espaço romanesco, em que o autor busca analisar o espaço criado nas narrativas de Barreto e descrever quais suas funções perante os personagens. Nesse sentido, temos que:

o espaço, no romance, tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero (Lins, 1976, p. 72).

A partir dessa definição, é possível concluir que o espaço no conto “O moleque” é tudo aquilo que pode ser “coisificado”, tanto físico quanto moral, incluindo-se as relações entre personagens e o espaço. Além disso, definir o espaço segundo a acepção de Lins, podemos abrir um leque de opções sobre suas funções, ou seja, uma multiplicidade de interpretações, no entanto, há que se considerar que o espaço, como bem frisado na citação, “tudo que, intencionalmente disposto”. Mas, uma história é intencionalmente disposta por quem? Com certeza, pelo autor. Assim, espera-se que o autor seja consciente e saiba escolher os espaços, personagens e acontecimentos que desempenhem suas funções que melhor lhe aprouver para compor sua sequência narrativa.

A escrita de Lima Barreto, questionada por sua simplicidade e ausência de aprofundamento, ainda é questão de controvérsias. Existem aqueles que consideram que tais características advêm de fatores distintos: os primeiros atribuem esse fato à vida desregrada do autor, com problemas de alcoolismo, internações e do próprio preconceito racial, do qual foi vítima. Já outra corrente, a qual incluímos Carlos Nelson Coutinho, acredita que sua escrita é fruto da evolução do realismo brasileiro:

Essa descontinuidade obriga o escritor a recomeçar sempre do início, a descobrir por sua própria conta os meios estético-ideológicos adequados à reprodução da realidade; e, mais que isso, ela insinua-se frequentemente no próprio interior da produção de cada escritor tomado isoladamente. (COUTINHO, p.22, 1972)

Nesse sentido, Lima Barreto tencionava apresentar nos seus contos questionamentos acerca das atitudes humanas de sua época. Em “O moleque”, sua tentativa de apresentar novos padrões para a sociedade não é diferente de outras obras. Seus personagens, subjugados pela sociedade, estão sujeitos a todo tipo de opressão que marca não só uma sequência de acontecimento como também uma denúncia à estrutura da social e racial. Ademais, as obras de Lima Barreto representaram de forma vívida a vida de uma camada marginalizada: os negros. Isso se faz evidente a partir da análise, assim como proposto por Osman Lins, das moradias e do tratamento dado aos seus moradores. Borges (2007) acredita que a inferioridade do negro deve-se ao seu baixo nível intelectual, falta de ética e caráter e forte tendência à submissão.

Essa presunção vai além de qualquer tipo de compreensão ou análise objetiva racial. A ideia de que existe no negro um gene, característica ou predisposição genética que o torne inferior, já foi há muito superada.

Portanto, o conto “O moleque” serve não só para entendermos a mente barretiana com relação aos modos de vida do negro da época, mas também compreender como o autor transferiu a realidade para suas obras a fim de criar um sistema que permitisse aos negros certa liberdade. Isso serviu para mostrar como os negros, diferentemente do que se pensava na época, poderiam ter uma vida “normal” (assim como os brancos), no exercício dos seus direitos fundamentais básicos de vida, moradia, saúde, educação e lazer.

8. OS “CONTOS NEGREIROS”

Contos Negreiros é uma obra que reúne 16 narrativas e todas apresentam situações protagonizadas por negros. Com diálogos que remetem à oralidade, o autor discute a mentalidade subalterna do negro pobre que, submetido à condição miserável não consegue discernir de maneira clara os caminhos de superação, tal como a possibilidade de vender um rim para conseguir dinheiro, casar e ser espancada ou entregar-se à condição de prostituta, ser explorado nas mais diversas profissões e não se sentir escravo de branco. São situações complexas que ironizam a liberdade social dada ao sujeito periférico negro. Dentre estas, no conto Vanicléia, o autor consegue dar voz às prostitutas, que objetivamente apresenta não só a precariedade da vida conjugal como também sua perspectiva de vida e de seu filho, estando ela grávida:

Se for menina, vou ensinar assim: no porto, no Carnaval. No calçadão de BoaViagem. Com cuidado para a polícia não ver a sacanagem. E querer participar.

Um dia, eu tive que foder com a tropa inteira da delegacia. Mexeram comigo até o dia amanhecer. E ainda ficaram tirando onda: que eu devia respeitar o homem brasileiro. Rarará. Mataram a Vanicléia, lembra, não lembra, lembra? De tanto que afozaram nela. [...] (FREIRE, 2005, p. 42).

Assim, a vida da prostituta negra é desprezada pelo olhar dos brancos tanto pela sociedade, representado pelos policiais, como pelos mais próximos, a exemplo do marido, que não demonstra o devido valor da sua mulher. A personagem, de forma inocente, já considera quais os caminhos que a criança, se menina, irá percorrer, o qual não difere muito de sua mãe.

A oralidade presente nos contos de Freire. Seu estilo transforma convida o leitor a dialogar com a realidade vivida pelo negro e, tal como em Lima Barreto, relacioná-lo a uma situação de preconceito e exclusão. Assim, quando o narrador do conto Trabalhadores do Brasil coloca que não é escravo, mas que tem que realizar funções para as quais o branco não serve, também enfatiza o esforço desse sujeito em superar os limites que a sociedade lhe impõe: “Enquanto Zumbi trabalha cortando cana na zona da mata pernambucana Olorô-Quê vende carne de segunda a segunda ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima tá me ouvindo bem?” (FREIRE, 2005, p. 19).

Nesse conto, ainda, percebe-se os traços de oralidade presente em suas obras, principalmente pela ausência de pontuação, o que transfere mais agilidade ao texto. Além disso, o autor dialoga com o interlocutor a cada final de parágrafo com a seguinte pergunta “tá me ouvindo?”. Seus personagens recebem nomes de origem africanas e afro-brasileiras, como: Sambogo, Zumbi, Tição e Olorum. Esses homens e mulheres estão ligados ao trabalho árduo e subumano para receber o pouco dinheiro, que é sua sobrevivência. Dentre esses trabalhos, está o cortador de cana, a prostituta e o limpador de fossas.

A insatisfação pelo desempenho dessas funções fica nítido pela forma como o autor apresenta o trabalho: “o cobrador de ônibus naquele trane infernal” e “pega ladrão que não respeita quem ganha o pão” (FREIRE, 2005, p. 19). Logo, destaque para a pergunta final que indica a tentativa de garantir a sua voz no mundo de brancos. O branco é considerado o culpado dessas transgressões sociais e trabalhistas, por isso o autor conclui com “Hein seu branco safado?” (FREIRE, 2005, p. 20).

“O solar dos príncipes”, o segundo conto, tem início com a determinação de quantos negros fazem parte da história. “Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio” (FREIRE, 2005, p.23). O grupo, na verdade, provenientes do Morro do Pavão, pretende fazer um documentário com as pessoas que moram no prédio. No entanto, o autor estabelece uma

relação satírica, e ao mesmo tempo cômica, entre o grupo e o porteiro, estabelecido através pensamento pré-concebido e racista do porteiro em relação aos negros:

“Estamos filmando.”

Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado.

[...]

- Viemos gravar uma longa-metragem.

- Metra o quê?

Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas. (FREIRE, 2005, p.24)

Curioso notar que o porteiro, também negro, impede a entrada do grupo e ainda ameaça chamar a polícia. O grupo, que parece estar acostumado com tais situações, trata a situação com calma e até de forma despretensiosa. “Apareceu gente de todo tipo. E a idéia não era essa.

Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro.

Tivemos que improvisar.

Sem problema, tudo bem.

Na edição a gente manda cortar. (FREIRE, 2005, p.27)

O próximo conto (que a pontuação também está ausente), “Esquece”, estabelece, através da visão dos excluídos, o que seria a verdadeira violência. Nesse sentido, o autor estabelece um contraponto entre aquele está acontecendo e o que considera violência. A verdadeira violência não é divulgada nos meios de comunicação, pois isso não convém às classes média e alta. Talvez, como forma de despistar a atenção dos únicos e verdadeiros problemas da sociedade.

Violência é você pensar que tudo deu certo e nada deu certo porque quando você vê tem um policial ali perto e outro policial ali perto querendo salvar o patrimônio do bacana apontando para a nossa cabeça um 38 e outro 38 à paisana. (FREIRE, 2005, p.32)

Também é possível perceber que essa classe excluída não só está insatisfeita com a situação como também sonha com uma vida melhor e até mesmo de luxo:

[...] e mais gente pensando como seria bom ter um carrão do ano e aquele relógio rolex mas isso fica para depois uma outra hora. (FREIRE, 2005, p.33)

Portanto, verificou-se através da análise de alguns contos o estabelecimento de uma linha tênue entre o humor e o caráter de urgência de suas denúncias. Os personagens, no mais das vezes, passam por situações difíceis e constrangedoras, caracterizadas pela exclusão social, racismo e degradação das relações humanas. Esses temas ficam ainda mais acentuados

a partir do momento que o autor consegue estabelecer uma relação fidedigna entre a escravidão presente e a forma de como ocorreu a colonização no Brasil.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima Barreto gera inúmeros sentimentos contraditórios que vão desde críticas severas pelo seu estilo autobiográfico de escrita e sua vida marcada pelo alcoolismo à glória por ser um dos autores brasileiros mais humanos que já existiu. Apesar disso, é inegável a contribuição que suas obras trouxeram não só para sua época como também para a posteridade. Sua cor negra pode ter servido de motivação para a criação de suas obras, observada principalmente por traços de sua vida presente em suas obras. No entanto, Barreto não se limitou a apresentar uma sociedade preconceituosa, entre seus escritos há também descrições urbanísticas e sociais que definem os subúrbios e os refúgio dos negros. Por outro lado, Marcelino Freire retratou a mentalidade subalterna do negro, submetido a condições precárias de sobrevivência.

A utilização do espaço como ferramenta de estudo das obras barretianas e freireanas permitiu-nos compreender as relações sociais das personagens negras no espaço periférico, ora apontando a internalização da hierarquia social, ora sinalizando a consciência da esmagadora miséria que os afasta daqueles que detém o poder, a classe dominante. Porém, não há que se falar em estratificação social, visto que a denúncia de discriminação abordada pelos dois autores foi o início de um logo processo de superação das origens coloniais e escravagistas presentes no Brasil desde o seu descobrimento.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.
- BARRETO, Lima. **Bagatelas**. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. **Contos completos**; organização e introdução. Lilia Moritz Schwarcz. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BARRETO, Lima. **Contos completos de Lima Barreto**. Editora Companhia das Letras, 2011.
- BARRETO, Lima. **O filho da Gabriela**. Unama. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000164.pdf>>. Acesso em: 13 de jun. 2018.
- BERTOLAZZI, Carlos José. **Lima Barreto: Representações, Diálogos e Trajetórias Literário-Culturais**. Porto Alegre. UFRS, 2008, p.8.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise/ Ozíris Borges Filho – Franca, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.**
- BRANDÃO, Luiz Alberto. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CANDIDO, A. (**Os olhos, a barca e o espelho**). **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, p. 39.
- CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Olhar de Professor, vol. 7, 2004.
- COUTINHO, Carlos N. 1972. **Realismo e anti-realismo na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **O negro na literatura brasileira**. Belo Horizonte. UFMG, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2005, p.65.
- FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 413.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 15 ed. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1989.
- HOLANDA, S. B. **Em torno da obra de Lima Barreto**. Cobra de vidro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 132.
- LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: um pensador social na Primeira República**. Goiânia: Ed. UFG: São Paulo: Edusp, 2002.

PRADO, A. A. **Lima Barreto: o crítico e a crise.** Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: inl, 1976, p. 527.

SCHINCARIOL, M. Tadeu Schincariol. **Terra roxa e outras terras Revista de Estudos Literários.** Vol. 5. Unicamp / Fapesp. São Paulo, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

BALDAN, Maria de Lourdes O.G. **A escrita dramática da marginalidade em Marcelino Freire.** Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 71-80, jul./dez. 2011.